ANNO 4.º — Sexta-feira, 11 de Agosto de 1911 — NUMERO 182

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha	40 réis
Communicados	20 réis

Annuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

NÃO PODE SER

Ha dez mezes, que n'uma bella manhã outonal, emmudeceram os canhões e cessou a fuzilaria que da vespera, ao romper da madrugada, troavam na cidade de Lisboa!

N'essa hora suprema, n'esse momento sublime em que se redimia uma nacionalidade, tremularam as bandeiras republicanas, vencedoras, no mar e na terra; os combatentes saudavam o novo estandarte synthese da nova patria e por toda a parte e horas depois, o paiz inteiro, acclamava phrenetica, enthusiasticamente as novas instituições!

Do clarão d'essa aurora chegou a luz á Ericeira, onde embarcava, preso por uma convulsão de mêdo, o jesuitico e ultimo representante de essa nefasta monarchia, governada por mãos de frades e freiras, que arrastavam com a maior das culpas, este torrão lusitano ao abysmo onde fatalmente se despenharia para sempre, se aos primeiros tiros revolucionarios, não fugissem apavorados, como ladrões surprehendidos, os bandos ignobeis que se locupletavam abundantemente á sombra da immoralidade politica e dos cofres do thesouro nacional!

Por toda a parte se deram as mãos exhultando e, aqui, n'esta bella terra, conhecidos e desconhecidos abraçaram-se por essas ruas; em muitos olhos lagrimas de commoção profunda e por muitos pontos se desenrolaram scenas emocionantemente patheticas!

Um frémito formidavel de enthusiasmo e de alegria invadiu todos os corações!

Portugal, o velho Portugal do Campo d'Ourique e d'Aljubarrota; Portugal dobrando o Cabo das Tormentas e descobrindo as terras de Santa Cruz; expulsando os hespanhoes e levando de vencida os francezes á propria França, emancipava-se—por necessidade, por patriotismo e por direito—da tutella infamante d'um regimen sem honra, d'uma monarchia sem brio, d'uma raça sem pudor!

Proclamada a Republica que nos trouxe a bella revolução d'outubro, constituido o governo da nação, de mistura com as medidas mais indispensaveis do momento, affirmou elle por actos, por palavras e por leis o maximo respeito á ordem e a inviolabilidade absoluta das pessoas e fazendas, da fórma mais completa e altruista.

Transformando-se por completo, radicalmente as instituições do paiz, vencedores aquelles que soffreram as mais aviltantes perseguições, desde a deportação para Timor aos fuzilamentos infamantes e chacinas repellentes dentro da capital do paiz, tendo muitos de homisiar-se para se esquivarem ás furias dos defensores do throno, não houve sequer o esboço d'uma tentativa de *révanche*, e em todo o paiz, essa transformação menos se sentiu que no tempo ominoso da monarchia, a mudança d'um ministerio.

Palavras de paz, de generosidade e de civismo se fizeram ouvir por toda a parte.

Foram ellas fingidamente acatadas, hypocritamente acceites, mas na sombra os miseraveis traidores urdiam os seus planos de restauração d'um regimen que só teve de bom satisfazer-lhe as ambições e assoprar-lhe as vaidades, sem outra preoccupação que não fosse essa, não só para os seus partidarios, como para os seus representantes, que vendiam o poder aos que mais largamente lhe satisfaziam as suas phantasticas e illegalissimas exigencias.

Era assim que D. Carlos, de fatidica memoria, alternava no poder os seus estadistas e os seus ministros—o que mais dava—bem entendido—o que mais dava dos arcas do thesouro, do sangue do povo.

Apparece-nos então além fronteira, aquelles que pela sua excessiva imprudencia e ganancia, tentaram manter velhos costumes e condemnados systemas na defeza do que, entre nós, para sempre morrera.

De lá entenderam-se com os que, embora de identicos sentimentos, cá ficaram, esperando occasião azada para se manifestarem.

Repudiada feroz e ingratamente a concordia offerecida, a paz proposta; tomada á conta de fraqueza, como de fraqueza é julgada agora, a famosa politica d'attracção que continúa irradiando compromettedoramente do ministerio do interior, os inimigos do actual regimen n'um crescendo d'audacia, chegaram até onde foram, com a maior desfaçatez, o mais completo desprezo por tudo que aconselharia prudencia, como ahi vimos entre nós, conduzindo-se armas e munições com a mesma facilidade como se conduz um *paletot* no braço.

Além da condemnavel tolerancia que se alimenta contra os criminosos d'esta ordem—a peor especie — magistrados cheios d'odio á nova fórma do governo, absolvem da maneira mais escandalosa os réus que julgam.

No Porto, porém, na imprensa, por toda a parte principia de manifestar-se uma aberta e energica reacção contra este estado de cousas, que attinge perigosas proporções.

Enfileiramos decididamente ao lado dos que exigem uma acção politica de força e de energia, d'egual valor áquella com que se pretende ferir e assassinar a existencia do ideal, que muitos annos levou a conquistar-se, á custa de tanto sacrificio, luctas e violencias, como nós poderemos affirmar por experiencia propria.

No ultimo caso teremos então de fazer justiça por nossas mãos, defendendo a Republica dos seus inimigos e defendendo as nossas pessoas dos que pretendem anniquilla-las.

Ou nas altas esphéras se comprehende o caminho a seguir, ou então o partido republicano historico seguirá o que julgar mais prompto e indispensavel para guardar e manter em Portugal a Republica, que alguns suppõem salvar com medidas peccaveis e inuteis, no momento grave que atravessamos. Impossivel é continuar o que está.

Decididamente—não póde ser!

Coisas & tal

Um retrato... á penna

El Liberal, de Madrid, tendo-se compromettido a fazer o retrato do filho do *Capirote*, estampa-o n'um dos seus recentes numeros, d'esta maneira:

«O sr. Homem Christo não é um competente, um litterato; apenas um agitador de occasião, tambem sem faculdades para isso, hontem anarchista, e conhecido como tal pela policia madrilena e hoje monarchico casual, que não trabalha por D Manuel, nem por D. Miguel, mas para calumniar e desacreditar os homens honrados que governam Portugal.»

Não se póde dizer que o jornal madrileno não tenha sido feliz nos traços...

Outro

Este pertence á *Republica*, de Lisboa:

«Homem Christo foi assobiado em Madrid, quando fazia uma conferencia no Atheneu. Nem por isso perdeu a linha. Alguem lhe perguntou as suas impressões: repondeu logo, que achava bem os assobios, como acha tudo bem.

Corram-no que elle mostra a mesma cara de estanho. E' do typo—e elle é perfeito... de nascença.»

Tambem não está mau. *Perfeito... de nascença* é como quem diz que nasceu talhado para em tudo se parecer com o pae.

Até nos *carrapitos*...

Syndicancia

Consta que a actual vereação pediu ás instancias superiores para que seja feita uma syndicancia a alguns serviços camararios, inclusivamente aos de secretaría.

Achamos bem. Mas o que se torna necessario é que do resultado a que se chegar se dê inteiro conhecimento ao publico e não succeda como succedeu com as syndicancias feitas ás Obras Publicas e ás ultimas vereações monarchicas da Camara Municipal, que até hoje ainda não deram acordo de si, apezar de se terem concluido ha já bastante tempo.

Porque, deixemo-nos de coisas, quem prevaricou é preciso que se castigue, assim como é preciso illibar de responsabilidades aquelles que realmente d'ellas estão isentos, embora muitos suspeitem o contrario.

Impagaveis

Depois da *Vitalidade* o *Correio d'Aveiro* ou seja, com licença do seu director, o *orgão dos taberneiros*. O primeiro viu já que *um jornal da localidade* espalhou que era intuito dos que se acham presos como conspiradores, *assassinar, invadir os domicilios e violar ou raptar esposas, filhas, etc.*, e o segundo sae-se agora a dizer que *não é raro vêr em lettra redonda os mais requintados insultos a quem por motivos cuja verdade resta averiguar, se acham presos.*

Percebemos a intenção e o que o *orgão* quer attingir. Por isso não se vá sem resposta: esses insultos só pódem ser vistos por quem, não tendo mais que fazer nas horas d'ocio, se mette pelos tascos a emborcar *marquezes* chegando a pontos de não saber o que diz...

Nem as asneiras que escreve.

O calor em Paris

A *Soberania do Povo* referindo-se ao intenso calor que tem feito na capital da França, sae-se com este curioso caso:

«Até os peixes que povoam o leito do Sena, que atravessa a cidade, são victimas do calor, pois veem á tona de agua mortos, aos cardumes.

Parece que a morte d'esses habitantes das aguas é determinada pela grande quantidade de desinfetantes que teem sido lançados para os esgotos, com o fim de os sanear, e como esses esgotos vão desaguar no Sena, as aguas do rio foram assim envenenadas e d'ahi a morte dos peixes.»

No mesmo n.º em que vem publicada esta destrambelhada noticia, diz-nos a *Soberania* que o sr. Conde d'Agueda ou *D. Manuel Lopez*, nome porque em Hespanha era mais conhecido aquelle titular, continua a residir em Paris o que nos leva a suppor que o escripto sobre os peixes, que morrem duas vezes, seja d'elle. A não se dar a coincidencia, é claro, dos cerebros, por Agueda, tambem andarem esquentados...

O complot d'Aveiro

Ainda se acham na Relação do Porto os 13 presos que d'aqui foram removidos, faz ámanhã 15 dias, e entre os quaes se conta o vadio Manuel d'Oliveira, que faz honra ao rancho.

Vadio e **gatuno**, é preciso que não esqueça, para gloria dos *paivantes*.

GOVERNADOR CIVIL

Esteve esta semana em Lisboa o illustre governador civil d'este districto, sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

De varios assumptos respeitantes a esta circumscripção tratou s. ex.ª nos varios ministerios sendo um dos que mais lhe tem prendido a attenção aquelle que se relaciona com o aquartellamento para infanteria e que parece ter ficado resolvido n'uma conferencia havida entre a mesma auctoridade e o sr. ministro da guerra.

Portugal é um paiz livre, e a Republica a forma mais concreta da sua administração, affirma-o, no ultimo numero, o *Correio de Aveiro*, jornal dirigido pelo sr. dr. Cherubim do Valle Guimarães e de que é redactor ou coisa parecida, certo typo que se fartou de escrever contra essa fórma de governo, salientando-se no celebre comicio da Fogueira em mostrar-se como um convicto monarchico.

Sem commentarios.

Guerra Junqueiro

Em Freixo de Espada á Cinta falleceu, no dia 4 do corrente, o sr. Joaquim Junqueiro, venerando pae do eminente poeta Guerra Junqueiro, actualmente nosso ministro em Berne, Suissa.

DUAS EPOCHAS

O sr. dr. Lima, que já agora deixou de ser collaborador da *Educação Nacional*, passou a ser seu principal redactor.

Dão-lhe direito a esta distincção, a persistencia ininterrupta dos seus editoriaes que aquelle diario insere, contando-se, invariavelmente, por cada um, uma censura despiedada ao governo.

A mais insignificante medida, o mais leve pretexto serve e aproveita ao sr. doutor para espicaçar os homens que, no cumprimento d'uma altissima missão, cheia de espinhos, de trabalho e de desgostos, tomaram conta das redeas da administração n'um dos momentos mais difficeis e graves que a nação portugueza tem atravessado.

Nem se lembra, talvez, o sr. dr., que em occasião, que não pode ter confronto com a actual, o seu chefe João Franco e o seu partido, todos os amigos politicos e pessoaes lhe supplicaram para acceitar o logar de governador civil d'este districto e a nada se moveu o espirito do sr. doutor. Nem João Franco, nem amigos, nem disciplina partidaria, nada, emfim, abalou a decisão tomada, e o sr. dr. ficou de fóra, na phrase vulgar que sua ex.ª desculpará:—*a vêr os bois de palanque.*

Faça v. ex.ª este *leve* confronto.

E ninguem veiu dizer alto, o que se dizia baixo, é certo, do procedimento d'então.

Da chefia local de s. ex.ª de que só sabiamos pelos brindes feitos em diversas jantaradas não havia noticias, nem ella se fazia sentir e ahi se commetteu toda a casta de violencias e perseguições, chegando a cahir o poder nas mãos de Jayme Silva—á falta d'homens, é claro,—em quem tão preciso era o pezo da sua influencia e da sua pessoa.

E v. ex.ª n'esse tempo limitou-se a escrever artigos sobre floricultura: creação de cravos, orchidias e boninas, epocha da sua sementeira, adubo mais proprio, etc.

Agora que v. ex.ª é sómente chefe de tropa dissolvida, despertaram adormecidos sentimentos e arvorou-se em critico feroz e tyranno apreciador de todas as medidas e actos governamentaes!

Possuindo e conhecendo os remedios para todos os males da patria, com que não atinam os homens do governo, como se convence infantilmente nos seus artigos o sr. dr. Lima, não devia faltar a tão alta capacidade o sentimento espontaneo e nobre do patriotismo e n'essa conformidade não se limitar só ás censuras, mas levar o seu conselho e o que souber a esses *cretinos* que tão inconsciente e desgraçadamente estão a comprometter o paiz a cada passo. Já é dureza de consciencia!

Como se vissemos morrer uma creatura á sêde e não lhe chegassemos a vida n'uma pinga d'agua, trazida no nosso cantil! Mas, emfim, s. ex.ª não passa d'estes sermões... da montanha e vae prégando a seu modo e a contento dos seus numerosos amigos e admiradores, a quem pulverisa, nas entrelinhas dos seus evangelicos artigos, com um todo nada de propheta, os sonhos dourados d'uma restauração monarchica, lyrico fradesca!!!

* * *

Não ha conspiradores, nem traidores—tudo isso são resultados de cerebros doentes e phantasias absurdas dos republicanos—mas se os ha, d'isso tem culpa o regimen, diz o sr. dr., que os creou, repudiando as mais puras e leaes dedicações, como as de Paiva Couceiro, Christo, conde d'Agueda, Jayme Duarte Silva e tantos outros.

Reproduzimos textualmente uns pedacinhos d'ouro do artigo que trata d'este assumpto e que o sr. dr. chamou, com a maior propriedade: *Duas epochas.*

São do theor seguinte:

«Encontraram-se inimigos a eito, ainda com maior facilidade do que na descoberta dos adherentes se havia usado. Viram-se adversarios por toda a parte, até n'aquelles que não estavam dispostos a sacrificar um só cabello para lançarem a terra as instituições e com a maior sinceridade e a maior calma as apreciavam, unicamente possuidos do desejo de que as coisas publicas se encaminhassem do modo mais proprio e seguro a dar ao paiz tranquilidade e fortuna, uma solida e duradoura prosperidade a todos os respeitos.

Tomou-se toda a divergencia por acto de hostilidade; descobriram-se tenebrosos propositos nas mais claras confissões; e as listas dos conspiradores abundaram e trasbordaram, sem que afinal se tenha conseguido mostrar um autentico e documentado, entre mil suspeitos e apontados á vigilancia do governo.

Praticamente, estas duas epochas, por oppostas que se nos afigurem, resultam em um facto unico. E' que, desde o seu começo até hoje a Republica, ou melhor, os seus dirigentes e soldados teem deliberadamente excluido da admissão á gerencia dos interesses publicos grande numero de portuguezes, ora acusados do crime de adhesão, ora incursos em delitos de conspiração.

E não é facil, é mesmo dificilimo, attingir bem o pensamento que pretende fortalecer um regimen por um systema de excumnhões incessantes».

Sem offensa, este systema d'argumento e esta maneira ingenua de culpar os outros corre parelhas com a forma dada aos artigos que o nosso bello amigo padre Cabral usou escrever nas columnas do *Figaro.*

Mas então é s. ex.ª capaz de nos dizer porque estão 24 individuos pronunciados em Coimbra, outros em Lisboa

e nas cadeias do Porto, a *troupe* que aqui era dirigida pelo amigo de s. ex.ª o *illustre cidadão*—Jayme Duarte Silva?

Tudo como resultado de *simples divergencias tomadas por actos de hostilidade, tenebrosos propositos nas mais claras e puras confissões!!*

E porque?

Porque está tudo louco n'este paiz: governo, juizes, exercito, armada, deputados, todos, todos, excepção feita, é claro, dos *bons patriotas*, por isso mesmo conspiradores e da pessoa do sr. dr. Jayme de Magalhães Lima...

Anniversario da Republica

Consta-nos que vae tomar a iniciativa das festas a realisar por occasião do primeiro anniversario da Republica Portugueza, n'esta cidade, o Batalhão de Voluntarios onde se encontram individuos verdadeiramente patriotas e capazes de tudo sacrificarem pela consolidação e estabilidade das novas instituições.

Oxalá que assim seja.

* * *

Depois de compostas estas linhas chega ao nosso conhecimento que a camara tambem se occupou do mesmo assumpto na sua sessão de quarta-feira.

Folgamos.

O "Correio de Vagos„

Suggerida por uma local que vimos publicada n'este periodico ácerca do dr. Carlos Ribeiro, nosso amigo de sempre, caracter integro e um dos novos que o que é a si o deve, ao seu trabalho, á sua intelligencia e ás suas virtudes; suggerida por essa local tão injusta quanto perversa nas intenções que a inspiraram, nós dissémos d'aqui ao jornal, que é orgão da facção Mendes Correia ou seja dos *prediaes dissidentes*, que o dr. Carlos Ribeiro, ao deixar o cargo de administrador do concelho, ficava collocado no primeiro plano dos homens de bem porque soube desempenhar as funcções do cargo, que lhe foi confiado, com honestidade e superior criterio, como é proprio de todo o homem que põe acima de tudo a sua consciencia e tem por unico objectivo ser util a toda a gente e não a um bando, a uma parcella, á maneira do que n'outros tempos acontecia, e que tão maus resultados deu em Vagos, aqui e em todo o paiz em geral onde o caciquismo imperava desenfreado e desenfreadamente se oppunha, muitas vezes, ao que era justo só porque não eram certos e determinados individuos os iniciadores d'um melhoramento, quer fosse uma escola ou um chafariz, uma estrada ou um simples caminho.

Replicou o *Correio* que esses elogios, se assim se pode chamar ás nossas palavras e a defeza do ex-administrador de Vagos não viriam, embora tardiamente, no *Democrata*, se alguem, á sahida do governo civil, nos não pedisse para o fazermos. Esta affirmação por si só nos basta para julgarmos da verdade e rectidão com que se escreve no jornal, que quer passar pôr sério e é orgão da dissidencia progressista. Porque, fique-o sabendo o *Correio*, aqui não se ataca nem se defende ninguem por favor. Quem disse ao *Correio* que á sahida do governo civil nos pediram para defender e elogiar o dr. Carlos Ribeiro? Quem foi que viu isso, que ouviu e lhe transmittiu a falsa noticia? Não o poderá dizer, certamente, o *Correio*, porque uma invenção difficilmente encontra quem se preste a perfilhal-a, apezar de impossivel não acharmos que qualquer creatura de poucos escrupulos o faça visto haver gente para tudo. E na redacção do *Correio de Vagos* é o que se vê. Ha gente para calumniar; ha gente para difamar e até houve gente para pensar e pôr em pratica esse nefando crime, que o paiz conhece, e que tinha por fim dizimar, a dynamite, uma familia inteira, unica e exclusivamente por um dos seus membros não ter cahido nas boas graças dos que entraram na machinação! Revolta-nos este proceder do *Correio de Vagos*; revolta-nos que se venha dizer n'esse jornal que se considéra muito o dr. Carlos Ribeiro como cidadão e como medico e que na mesma pagina se façam as mais baixas e repellentes insinuações ao seu caracter, se ponha em duvida a honestidade do seu proceder e a sua honra e, o que é mais ainda, se traga sua familia para a discussão envolvendo-a em torpes e réles invectivas. E' infame, chega a attingir o cumulo da perversidade tanta hypocrisia revelada pelo *Correio de Vagos*.

O facto do dr. Carlos Ribeiro nunca ter votado na urna uma lista republicana nem ter feito a propaganda d'esses principios até 5 de outubro, nada quer dizer. Se assim procedeu só temos que o louvar por ter vindo para a Republica sem uma unica mancha, ao contrario d'aquelles que n'ella querem enveredar cobertos de nodoas, pejados de quantas mazellas ha. O dr. Carlos Ribeiro nunca votou a lista republicana, mas tambem tem para dizer que nunca se sujou votando listas monarchicas.

E' um homem limpo, um homem desinteressado, um homem capaz dos maiores sacrificios para conservar intacta e impoluta a sua dignidade. Não tem connivencia nos crimes do passado. Isso lhe basta para que se possa apresentar em toda a parte como um bom republicano e que d'entre os melhores e mais antigos seja escolhido, até, para cargos de confiança da Republica. A lama do *Correio de Vagos* não o attinge, pois. Falho de auctoridade e de logica, o *Correio de Vagos* só consegue enterrar-se cada vez mais atacando, sem razão, um homem e uma familia por todos os titulos respeitavel e respeitada.

Temos combatido muito; entretanto orgulhamo-nos de nunca ter descido a inventar infamias fôsse contra quem fôsse. São processos indignos esses, que só uma alma polluida ou creaturas degeneradas costumam pôr em pratica para satisfação dos seus odios ou intimo regosijo de qualquer larvado.

Mas do *Correio* não tinha o dr. Carlos a esperar outra coisa. Sendo de lá que partiu o plano da bomba com que os seus inimigos o pretendiam assassinar e a toda a sua familia; sendo de lá que sahiu um dos principaes culpados d'esse crime hediondo, que, apezar de não ter trazido consequencias funestas, nem por isso deixa de revelar até que ponto chegou a perversão humana, que quer o ex-administrador de Vagos que essa gente diga? Emquanto a nós, o *Correio* está no seu papel enveredando pelo caminho que a maioria dos seus collegas, sem convicções nem vergonha, começou a trilhar depois do 5 de outubro, e que consiste n'uma grande falta de coherencia alliada á mais requintada má fé quanto á fórma como se apresentam em publico.

PROVIDENCIAS

Sob esta epigraphe, no nosso ultimo numero do mez passado, davamos conta ao illustre commissario de policia d'umas proezas praticadas pelo famoso bruxo Julio Gama, já duas vezes expulso d'esta cidade, para onde tem voltado com uma teimosia verdadeiramente jesuitica, e onde continúa, com o maior descaro, explorando ignobilmente a crendice popular e a basofia estupida de muitas damas que resumem a sua illustração no rigor da moda com que vestem.

De novo sollicitamos do intelligente funccionario a sua intervenção no caso que até agora se não fez sentir em resultado da sua ausencia.

BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

Teve no domingo o seu primeiro exercicio de tiro na carreira da Gafanha, o Batalhão de Voluntarios d'Aveiro que, devidamente uniformisado e equipado, para ali marchou pelas 5 horas da manhã sob o commando dos srs. tenente Ruella e alferes Leite.

As sessões, que foram dirigidas pelo director da carreira, sr. capitão Pedreira, fizeram-se todas á distancia de 100 metros do alvo, distinguindo-es, pela certeza das pontarias, muitos dos Voluntarios, não obstante a sua inexperiencia.

O regresso teve logar depois do meio dia, debaixo d'um sol ardentissimo, mas que em nada influiu para que a marcha fosse feita com garbo e na melhor ordem.

Para ámanhã está aprazada uma revista geral ao batalhão pelo commandante da 5.ª Divisão Militar, que para esse fim aqui vem de Coimbra. Será seguida de exercicio, talvez no Rocio, assistindo tambem toda a officialidade do 24.

* * *

Ficou constituida na sexta-feira a direcção do Batalhão a qual é assim composta:

Presidente, Alferes Leite; *vice-presidente*, Antonio Augusto da Silva; *secretario*, Maximo Junior; *thesoureiro*, Alberto Azevedo; *vogaes*, José Augusto e João Rosa.

"A Liberdade„

Voltou a assumir a direcção d'este nosso collega local, o sr. Alberto Souto, que ficou tambem com a propriedade do jornal.

Manuel d'Oliveira, natural da Marinha Grande, foi preso em 18 de Novembro de 1904 pelo crime de furto de 35$350 réis e sendo julgado em processo correccional no dia 10 de Dezembro, foi condemnado em 30 dias de prisão e 15 de multa a 100 réis por dia.

Eis a nota que pudémos colher sobre o porte do aliciado de Paiva Couceiro e, como Jayme Duarte Silva, Catalá, Domingos Campos, Rangel, Ferreira e os outros *presos politicos*, um dos que assignou o agradecimento pela *grandiosa manifestação que lhes foi prestada por todo o concelho de Aveiro após o levantamento da sua incommunicabilidade*.

O Manuel d'Oliveira, ex-creado do Gymnasio elevado á cathegoria de *preso politico!!!* O **gatuno** Manuel d'Oliveira! O escorraçado da loja do Ricardo a receber manifestações *de todo o concelho d'Aveiro!*

Quem tal havia de dizer!...

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

Homem Christo, filho

Para a biographia d'um contumaz canalha

Eu conheci Homem Christo, filho, n'um camarim do Sá da Bandeira—então sabujamente Principe Real—por occasião das recitas, para mim inolvidaveis, da inolvidavel Mimi Aguglia. Foi n'um intervalo da *La Lupa*, uma peça estranha, verdadeira epopeia da lascivia em que a grande actriz era inexcedivel.

Eu tinha feito distribuir na sala, impressas em assetinado numero unico, as manifestações de enthusiasmo com que, do cantinho da galeria, a tinhamos seguido, a meia duzia de rapazes ali pontuaes todas as noites. Ora n'esse intervalo quiz a artista conhecernos e, n'essa conformidade, Christo, filho, me procurou para me introduzir no camarim acanhado onde a atmosphera excitante de perfumes e do calor do gaz fazia murchar algumas rosas vermelhas nos seus solitarios de crystal.

E foi assim que eu travei relações com o cretino Homem Christo, que eu conhecia apenas do nome a subscrever artigos anarchistas por gazetas coimbrãs, e do reflexo da fama paterna tão estercorariamente affirmada no pasquim de Aveiro, onde o esperançoso rebento tambem, quando em vez, dejectava o seu artigosinho.

Como quer que o meu enthusiasmo artistico pela actriz siciliana pouco a pouco descambasse n'um enthusiasmo mais prosaico pela mulher, dei-me a inquirir das razões que podiam justificar a assiduidade continua do cretino junto da actriz, e assim vim a saber que projectava o garoto uma viajata feliz por terras estrangeiras, na qualidade de secretario da companhia siciliana, e a publicação d'um livro versando estudos psicologicos e complicados sobre a eminente italiana que a igenuidade teve de o tomar a serio.

A verdade, porém, é que o malandro, refinado e esperto *escroc* que é, pretendia apenas, mediante falsos contractos por elle encomendados a um *artista* eximio no genero, lá por Lisboa residente, arrancar de Mimi Aguglia uma indemnisação avultada mediante a ameaça de demorada questão judicial, que á actriz não convinha, quer pela sua curta permanencia em Portugal, quer pela lama que sobre o seu nome honesto de mulher e de artista o caso salpicaria.

Foi-se a actriz e não levou por deante a proeza o malandrim porque o outro—o incumbido da falsificação do contracto—á ultima hora rescindiu da incumbencia, talvez por um sentimento de dignidade ou quiçá enojado de tão de perto privar com um malandro de especie superior.

Porque a verdade é que este Christo, filho, não desmente as leis fataes da hered'taridade. Tal pae, tal filho.

Passaram tempos sobre este facto, até um dia em que o acaso me arrastou a Lisboa, em viagem de incumbencia commercial, a defender interesses da União dos Empregados de Commercio do Porto, onde ao tempo desempenhava as funções de bibliothecario. E no corredor estreito da carruagem do rapido nos encontrámos, Christo e eu, e conversa entabolámos sobre terras e coisas do Brazil, de onde elle regressava e para onde eu iria dentro de breves dias.

Homem Christo fizéra por lá conferencias em theatros publicos e a propaganda tenaz d'uma grande e esplendorosa revista, destinada a estreitar relações intellectuaes entre povos da Europa e da America e para a qual o garoto colhera forte dóse de assignaturas e garantira profusão de agentes, escrevinhadores e propagandistas.

De monoculo no olho, cara rapada, irreprehensivelmente abotoado no seu sobretudo *dernier cri*, Christo, filho, expunha-me os seus projectos emquanto nos serviam um pifio e caro jantar no salão restaurante do comboio, que elle supplementára com uma profusão de coisas caras—desde os licôres esverdinhados do café, ao Porto duvidoso da sobremeza, com escala pelas conservas irritantes de fabrico inglez e os Havanos ligitimos, cujo fumo perfumado subia em espiraes para os ventiladores do trem.

A revista seria por elle dirigida e os seus escriptorios redactoriaes e administrativos installados em Paris, em *hotel* especialmente alugado n'um dos *boulevards* exteriores, com ascensor e porteiro agaloado, abundancia de telephones e machinas de escrever, toda a complicada engrenagem civilisadora do famoso *duzentos e dois* do nosso amigo Jacintho Fernandes...

Grandes e illustres nomes patrocinavam a tentativa: Guerra Junqueiro, Anatole France, Jean Jaurés, Blasco Ibanez, entre outros, collaborariam no primeiro numero, a par da parelha Christo, pae, e Christo, filho, dignos um do outro como dois refinados canalhas que ambos são.

E emquanto pagá a minha conta, o creado me trazia um misero charuto de trez vintens, que o meu vicio reclamára, e, já de pé, me preparava para recolher á carruagem de segunda em que viajava, o idiota continuava a desenrolar aos meus ouvidos todo o luxo e explendor principesco d'essa revista ainda apenas *in mente* creada—e eu ia pensando que a vida está para aquelles, os que da apparencia vivem, correctos sempre no seu fato de que o alfaiate não verá o dinheiro, de monoculo petulantemente encravado no olho, como vendo a humanidade toda em porpoções minusculas, inferiores, bem digna do absoluto desprezo dos homens superiores do genero d'aquelle.

Depois a conversa descahiu sobre o Brazil.

E o desenrolar vaidoso de triumphos e ovações continuou descarado, sem querer reparar no sorriso ironico com que eu o ouvia mordiscando o charuto que sahira réles, como tudo o mais—o jantar que eu comera e o companheiro que levava.

E então, oh! ironia do Destino! aquelle moço palido, a que um acentuado prognotismo indicava certa tara de imbecilidade, permittiu-se dar-me conselhos e acentuou a vantagem da minha projectada ida a terras de Santa Cruz onde, a seu vêr, eu faria um figurão como conferente, genero de vida então em moda e que elle, esperto *escroc*, explorára com exito.

A coisa era simples.

O essencial era eu apresentarme bem posto, de traje esquisito e monoculo penduricalhando sobre o peitilho phantasista do colête, de chapeu alto e luva gêma d'ovo, polainas e bengalinha, todo o indispensavel arsenal do elegante aparvalhado, o cretino que só pensa em casar rico, e de artes e lettras só conhece as lettras protestadas com que os crédores o apoquentam.

Depois eu iria pelas redacções dos jornaes mendigar elogios, exhibindo cartas de recommendação que falsas assignaturas de nomes em evidencia authenticariam, e pomposamente annunciando conferencias sobre todos os assumptos—desde a defeza do feminismo á negação da existencia de Deus, da origem e desenvolvimento da litteratura hindú á cultura artificial da batata dôce—saltando como um gafanhôto das questões mais ridiculas ás mais transcendentes, sem nada querer saber do que dissésse e, sobretudo, do que de mim dissésem.

—Porque aquillo, meu caro, é uma terra selvagem, uma terra de burros. Logo que elles não percebam nada do que você dissér o seu exito está retumbantemente assegurado. Brazileiros? Umas bestas! Aquillo é comêl-os e...

E o garoto fechou a phrase com uma palavra obscena, indicadora de funcções genésicas, que podia rimar muito bem com a que a antecedera.

Ao Brazil me fui, com effeito, mas conferencias não fiz, nem tentativas para tal arrisquei, embora não perdesse o meu tempo a observar os homens e as coisas, velho habito do meu temperamento de analysta, e do malandrim com quem eu viajára uma tarde de Lisboa para o Porto, na commodidade de uma segunda do rapido, colhi por lá informes que de muito me serviram para concluir o estudo psycologico que sobre elle encetára, desde aquella noite inolvidavel do camarim de Mimi Aguglia, onde athmosphera irritante de perfumes fazia fanar umas rosas sangrentas, vivas como os labios carminados da divina actriz.

E o que por lá me disséram encheu-me de pavor e nôjo!

Como é que um homem podia chegar áquillo, descer tanto na escala social como Christo, filho, descera por lá, a despeito das pomposas noticias de gazetas que o pulha por toda a parte exhibia?!

Foram sem conta as proezas do malandro por terras generosas do Brazil, que elle ignobilmente insultára em passada conversa commigo, desde o dinheiro extorquido de emprestimo a patriotas estupidos que o acceitaram como genio, á farpela caloteada no alfaiate da moda pelo pagamento da qual outro patricio, não menos lôrpa, se responsabilisára, com escala pela gatunice pórca—um misero par de botas roubado ao amante da mãe em cuja casa se hospedára aquelle que, em certo artigo inedito (em mãos d'alguem archivado), começava assim uma referencia ao seu digno progenitor:

«Toda a gente sabe que meu pae é um côrno...»

Tal o canalha que por terras de Hespanha, postas as orelhas a coberto do tagante com que qualquer de nós lh'as arrancaria, bólsa em conferencias publicas. sobre os nomes honrados dos homens da Republica, toda a casta de imundicies, verdadeiro cano de esgoto em permanente escorrencia de insultos e calumnias!

E' o mesmo homem que, por Lisboa, fundia a mezada em alcool caro e pasteis indigestos por confeitarias de luxo, emquanto de Cintra a mulher, a tentar segurar-se sobre o abysmo do prostibulo onde afinal resvalou, escrevia cartas aos conhecidos do marido supplicando algum dinheiro—*ao menos o que chegasse para comprar leite para o seu filhinho!*

Decididamente o grotesto conquistador do throno dos Braganças é bem digno do cretino monarcha que a sua petulancia pretende impôr ao paiz, como é digno dos outros, os ferozes conspiradores de opera bufa, ás ordens da firma industrial Couceiro, Chagas & C.ª, a que o *escroc* Alberto Braz vém de arrepenhar duas dezenas de contos, a jorna dos vilões, que lá se foi a gastar em pretas e cachaça por terras acolhedoras de Santa Cruz!

Oldemiro Cesar

(Da *Montanha*)

Lei para todos

Todos os actos politicos se podem apreciar e discutir com critério e no lemite da boa educação, que se evidenceia na phrase polida e decente.

No tempo da monarchia sempre assim apreciámos as cousas, exceptuando, ás vezes, alguma que, pela grandeza da infamia, era mais energica e rigorosamente apreciada.

Até agora, porém, que saibamos, a Republica não commetteu a mais leve immoralidade em qualquer ramo d'administração publica, o que não impede, que alguem se entretenha, com uma persistencia d'idiota, em toda a parte onde se encontra, a ter as mais indignas e injustas referencias aos homens e ao governo que ora está á frente dos destinos da nação.

Não sabemos em que se firma o patetinha, nem se alguma cousa recebe para reeditar tantas babozeiras, referidas em calão de caserna. O que sabemos é que não pode continuar a permittir-se tal procedimento, sem a auctoridade procurar saber d'onde provem o conhecimento de noticias tão seguras e positivas, como se diz, de proximas invasões estrangeiras, contra revolução, regimen republicano derrubado, tudo emfim que mettem na cachimonia do pobre lorpa.

A lei, sendo egual para todos, a todos tem de ser applicada indistinctamente.

VENTOSAS

Ora só, da commoção,
Me abandonou o palôr...
Ao vêr a resignação
Do grupo conspirador
Á partida da estação.

O Oliveira, de chorar,
Mais o Jayme, não se fartam,
Dizendo aquelle:—que azar!
—Mas, collega, raios me partam
—Se você mais me intrujar...

N'outro canto os manos P'reiras,
Dando ao demonio a cardada,
Pedem a Deus com maneiras
Que se os livrar da rascada
Não entram mais em asneiras.

E afinando ao diapasão
Dizia o nosso Miguel
Sem o aprumo catalão,
Ào camarada Manuel:
—Caramba! Que entalação!...

Mas inda o que mais me fica
P'ra sempre em recordação
Foi a Cleopatra amica
Vêr no largo da estação
A chorar como uma bica...

* * *

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 3 de agosto de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Compareceram os vogaes Daniel Gomes d'Almeida, Manuel Augusto da Silva, Pompilio Ratolla, Manuel Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo e Vicente Rodrigues da Cruz.

Acta approvada, depois do que foram presentes:

Officios do Governo Civil remettendo, um, a conta do custo de 4 bancos feitos para o patamar do edificio de aquella repartição e outro communicando que por despacho do ex.mo Ministro do Fomento tinha sido auctorisada a direcção das Obras Publicas do districto, a concluir os trabalhos do levantamento da planta da cidade, que a Camara resolveu agradecer;

Outro do delegado de saude dando conta de que na secção *José Estevam* do *Azylo-Escola Districtal* appareceram 2 internadas atacadas de coqueluche e recommendando a sua retirada d'alli para a aldeia a fim de se evitar os perigos do contacto. O cidadão presidente informou haver recommendado o seu isolamento no proprio edificio por difficuldade em arranjar commodos no campo.

Outro do sub-delegado de saude preceituando a ida dos asylados d'aquella e da secção *Barbosa de Magalhães* para o mar, por conveniencia da saude de todos elles, resolvendo-se que não vão visto que no orçamento se não consignou a verba de despeza necessaria e vista a necessidade imperiosa de pagar as dividas existentes;

Outro da Commissão Districtal informando dos termos em que deu approvação á deliberação municipal tomada em sessão de 6 de julho sobre a desamortisação dos seus fóros e sobre venda de terrenos em São Jacintho, resolvendo-se enviar uma segunda copia das mesmas deliberações ao ministerio do interior a fim d'essa estação a sanccionar, como é de lei;

Outro da administração do Hospital de São José pertendendo que a camara se responsabilise pelo pagamento das despezas do tratamento de doentes pobres do concelho no mesmo estabelecimento, deliberando-se que o cidadão presidente conteste tal obrigação; e

Outro do commissariado de policia civil do districto dando conhecimento de que o candieiro n.º 237 da rua de São Sebastião se conservou apagado das 11 horas da noite de 29 em deante;

A nota dos fundos em poder do thesoureiro e que são os saldos de réis 1:045$093 da conta da camara, e de réis 473$064 da do *Azylo*; e

Uma petição de José Maria da Silva Valente, da Oliveirinha, para proceder á construcção de um muro n'aquelle logar; e outra de Firmino de Vilhena para proceder a modificações na parte sul e poente do seu predio sito no Côjo. Ambas foram deferidas.

A commissão resolveu em seguida:

Que o seu presidente solicite da estação superior que as despezas a fazer no Governo Civil, e até agora a cargo do municipio, passem a encargo do Estado; e

Que seja concedida auctorisação para pôr a concurso os logares vagos na secção *José Eetevam* do *Azylo-Escola Districtal*, de directora e prefeita;

Fazer a acquisição d'um busto da Republica e de 2 duzias de cadeiras para a sala das suas sessões;

Auctorisar a pupilla D. Leonor Cardoso de Lemos a habitar gratuitamente uma das casas annexas ao antigo convento de Jesus, estipulando rendas para as restantes d'aquelle e do das Carmelitas;

Representar ao governo solicitando a concessão dos terrenos do Ilhote, no Côjo, a fim de proceder alli a melhoramentos adquados;

Tratar com o proprietario dos terrenos das Agras o estabelecimento n'elles d'uma entulheira municipal;

Solicitar da *Companhia Portugueza* a construcção do ramal do caminho de ferro ao norte do Canal de São Roque entendendo-se para esse effeito com a Associação Commercial;

Instar perante o tribunal competente pelo andamento de processos pendentes da sua acção;

Mudar para as quartas-feiras as suas sessões, que se realisarão pelas 12 horas do dia; e

Pedir um inquerito a differentes serviços camararios.

A commissão de revisão das contas municipaes, nomeada em sessão de 23 de fevereiro do corrente anno, apresentou o seu parecer favoravel á approvação da gerencia ultima, que deve ser posta agora á reclamação dos municipes, louvando o empregado encarregado da sua organisação, o amanuense Casal Moreira; e

Por fim, o cidadão presidente deu conta da commissão de que fôra encarregado, como delegado da camara ao collegio eleitoral reunido no Governo Civil em 28 do mez findo para tratar sobre o assumpto do decreto de 25 de maio ultimo, remodelador dos serviços medicos municipaes, declarando ter sido elle eleito, por unanimidade, representante da mesma assembleia perante o governo da Republica e ir alli apresentar o protesto da mesma assembleia contra a doutrina do citado decreto, conforme a resolução da mesma, constante da acta da sua sessão, que por copia apresentou á apreciação da camara.

O farçante Homem Christo

São da *España Libre* as seguintes linhas ainda referentes á conferencia do *Caréquinha* no atheneu de Madrid e que, com o mesmo titulo com que veem epigraphadas, para aqui trasladamos para elucidação dos nossos leitores:

«Hontem colocámos as coisas no seu logar, com respeito a esse farçante que foi contractado, por mil pesetas, para vir a Madrid injuriar a nobre Republica portugueza, cujo unico crime consiste em ter limpado Portugal de *videiras* como o filho de Christo.

Hoje, os proprios socios do Atheneu, rectificam a palinodia embusteira nos seguintes termos:

Diversos atheneistas — pertencentes a differentes partidos politicos — que assistiram á conferencia do sr. Homem Christo, pédemnos que façamos constar que logo que a tribuna publica foi evacuada, quando na sala já se não encontravam mais do que convidados e socios do Atheneu, escutando attentamente o conferente, este insultou o dr. Bernardino Machado, chamando-lhe farçante e *Bombardino Rachado*.

Quando se ouviram estes qualificativos houve protestos dentro dos limites da mais requintada cortezia e varios assistentes, allegando que a liberdade de cathedra não podia chegar até ao ponto de consentir que d'aquella prestigiosa tribuna se insultassem pessoas respeitaveis, opuseram-se a que o conferente seguisse nos seus insultos ao governo d'uma nação amiga.

Perante o despreso unanime do publico, em face de tão infame ousadia, Homem Christo decidiu-se a sahir de Hespanha, receiando que, se assim não procedesse, os republicanos hespanhoes o expulsassem a pontapés, indignados com a cynica porcaria do cervo clerical.

No entretanto, se o calumniador se retira, deixa aqui uma bella representação no director da *Palavra*, repugnante libelo pago pelos jesuitas portuguezes, cujos titulos de propriedade foram encontrados em Campolide.

Tenha cuidado o agente dos jesuitas porque os republicanos madrilenos estão dispostos a pôr cobro á infernal campanha de calumnias que se está avolumando nos papeis clericaes, á custa das 25:000 libras enviadas pelos realistas do Brazil.»

Do Porto

UM «PAIVANTE»

Mingua-me tempo para perder com insignificantes, mas abro excepção para um que vale a pena pôr em fóco para servir de craveira á frandulagem de mediocres de quem o sr. Paiva fez degraus do solio á que procura guindar-se.

Não sería necessario trazer mais este idiota á bocca da scena da sempre-nunca estoirada contra revolução, porque em todos os jornaes se tem dado a justa medida d'essa vára de imbecis, a quem se metteu no reduzido volume da massa phosphorica subir dois furos mais na escala do pedantismo, agarrada aos fundilhos das calças do sr. D. Manuel II, de estimada ausencia, mas já que os restantes têm tido a honra de figurar na galeria dos foragidos dos grandes jornaes de Lisboa e Porto, eu deixarei nas columnas do *Democrata*, atrazada, a figura d'este interessante *paivante* a que ninguem se referiu ainda, pela sua misera insignificancia, certamente, mas que merece menção especial, quando menos, como typo popular... do pedante, que julgou viver ainda no tempo em que era o habito que fazia o monge, e que entrega toda a vacuidade e... importancia da sua pessoa... á thesoura do seu alfaiate.

Sem mais preambulos: refirome ao sr. Augusto de Magalhães, socio, filho, ou coisa que o valha do sr. Magalhães & Moniz, negociante de livros ali do largo dos Loyos.

Este *illustradissimo* cavalheiro, a nulidade mais completa que eu conheço, sendo um *thalassa* da gema, armou tambem em *paivante* e eil-o a caminho da fronteira, a enfiar, pressuroso, o chispe na apertada bota que lhe ha-de custar tanto a descalçar, e que já começa a fazer doer-lhe os calos.

Ora o sr. Augusto Magalhães, socio ou coisa que o valha da firma Magalhães & Moniz, ali aos Loyos,—não confundir, porque deve haver mais Magalhães e muitos mais Augustos—é um homem conhecidissimo no Porto, não por quaesquer trabalhos produzidos no campo das artes, das lettras, das sciencias ou mesmo dos officios, mas pela fatuidade da sua pessoa, pela embofia dos ares com que se apresenta habitualmente, pela empafia e aspecto pedantesco de que se reveste desde que põe pé na rua ou deante dos seus empregados, dando assim uns ares de chefe de estado em opera-bufa ou de andar grávido de um novo D. Manuel II, que d'esta vez não desembarcará em praias de Restello por manhã de nevoeiro, mas será dado á luz por *sua ex.ª*

D'uma ignorancia mais que vulgar, intelligencia mediocre, tão emproado quanto estupido, e tão estupido quanto imbecil, o... *illustradissimo* sr. Augusto Magalhães, da firma Magalhães & Moniz, como membro do celebre partido dos homens que tinham que perder, entendeu do bom tom metter-se a conspirar e paivanteou por Hespanha emquanto a tal bota não começou a apertar-lhe o calos.

Agora, se se pergunta na loja do pae pelo menino, respondem invariavelmente que está em Paris a tratar de negocios da sua casa commercial!

Não são maus negocios.

Fraco olho de negociante! falhou-te o calculo...

Paivanteaste por bom tom,—que por convicção ou principios, eras incapaz d'isso—mas mettes-te n'um bêcco sem sahida. Tem paciencia.

Para se avaliar do intelecto do homem ahi vae um caso:

Ha annos, um pobre rapaz, modestamente vestido, entrou no estabelecimento do sr. Magalhães & Moniz, e dirigindo-se ao... *pulpito* onde *sua ex.ª* abanca, apresentou-lhe, com acanhamento, um pequeno caderno manuscripto. Com ares de proconsul na tribuna perguntou-lhe o *illustre* o que era, sem mesmo se dignar olhar para o moço.

Respondeu este que era um manuscripto de arithmetica elementar para instrucção primaria.

Folheou o Aristoteles negligentemente o caderno, não leu virgula, nem percebeu patavina do que vira, fechou o caderno e entregando-o ao auctor que esperava humildemente a sentença do novo Salomão, diz-lhe com a enfase de todo o nulo que procura, como a rã, dar-se a importancia que não tem, com o ruido da voz: *isto não vale nada. Não serve.*

Eu, que casualmente me encontrava na loja dos livros, assistia, commovido pelo aspecto resignado do pobre rapaz, á scena, vendo, com indignação, o prazer velhaco com que o palerma esmagava a sua victima a quem elle com tão pouco podia, talvez, fazer justiça.

Fazer justiça como, se elle não vive á custa do seu trabalho intellectual, mas sim á custa dos outros?

Que humilhante deve ser para certos auctores viverem na dependencia de certos editores! Terem de submetter todo o valor da sua vasta intelligencia á mercê de mercadejantes que têm geralmente o volume do craneo na razão inversa do volume da bolsa!

Ao passar por mim, o rapaz, esboçou um triste sorriso de resignação, onde ia toda a sua amargura, toda a tristeza de quem vê desfeito, de repente, algum castello no ar cuidadosamente construido.

Dirigi-lhe a palavra não sei como, respondendo elle logo, com a pressa de quem deseja livrar-se de alguma coisa que o sufocava:

—Não serve...

Peguei no manuscripto, li alguns periodos com cuidado, segui algumas operações e pude suppôr que o trabalho do pobre moço devia ser esplendido, pela organisação, pela clareza das definições, pela simplicidade da exposição, pela intuição dos exercicios, etc.

Foi então que acabei de convencer-me de que o sr. Augusto de Magalhães, que eu desconfiava ser um charro, era um ignorante.

Entreguei o manuscripto ao auctor e disse-lhe alto:

—E' um bello trabalho; bem organisado e bem exposto. Só quem ignora os mais elementares principios da arithmetica, póde dizer o contrario.

Fitei o *ditador* que me fulminava do alto do seu... *pulpito* e cortei-lhe o olhar virando-lhe as costas e sahindo do estabelecimento do mercador onde nunca mais puz os pés.

Se todos os *paivantes*, chefes ou subalternos são da craveira d'este imbecil, póde o sr. D. Manuel limpar as mãos á parede que entregou a sua causa a bons procuradores.

Humberto Beça.

Notas de 5 e 20$000 rs.

Foi prorogado o praso para a troca d'estas notas pelo que as agencias do Banco de Portugal as continuam a receber, as primeiras até ao dia 15 e as segundas até ao dia 5 de setembro.

CONFERENCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL DO POVO

Extracto d'uma conferencia realisada no Theatro Bejense, em 4 de Junho, pelo sr. padre Manoel Ançã, natural da villa d'Ilhavo

(Conclusão)

Não cabem nos moldes d'um quadro tão estreito—no quadro de uma simples conferencia em que tudo é resumido,—as figuras antigas e as acções honradas, já não digo de Viriato e dos Luzitanos de Sertorio, mas d'Egaz Moniz, o fidalgo de caracter impoluto; Gonçalo Mendes da Maia, o venerando lidador; Nun'Alvares Pereira, o condestavel notabilissimo, heroe d'Atoleiros e d'Aljubarrota; Vasco da Gama, o navegador audacioso e afortunado; D. Francisco d'Almeida, o vice-rei famoso; seu filho D. Lourenço, o moço tão intrepido quão malaventurado; Affonso d'Albuquerque, o guerreiro indomavel; D. João de Castro, o caracter incorrupto, e muitos, muitos outros portuguezes illustres, *em quem poder não teve a morte!*

Mas, para que evocar as virtudes do passado?... Em nossos dias ha a pagina luminosa da Rotunda, escripta pelos nossos soldados e marinheiros—filhos do campo e do mar;—pagina admiravel, em que o povo de Lisboa, ebrio de liberdade, revelou em meio da confusão um grande exemplo de moral e de civismo, respeitando a vida e propriedade dos vencidos, bem como o espolio fascinante do monarcha desthronado.

E' condigna de apothéose a memoria d'aquelles bravos, que ahi, n'esse logar, a que justamente chamarei *Campo d'heroes*, morreram, com os olhos pregados na bandeira bicolor da revolução, na qual viram fluctuar, á luz do ultimo raio de vida, que se desprendeu para os astros, as risonhas esperanças d'um Portugal mais ditoso.

E, d'entre os vivos, ha nomes prestigiosos de cidadãos propugnadores, d'apostolos ardentes da luz, de paladinos indómitos da democracia, credores dos nossos applausos pelos seus serviços memoraveis,—nomes que aformoseiam e constelam os ceus da patria resgatada. E' uma phalange de titans, essa phalange de caudilhos da Republica e da Liberdade, que, vencendo precipicios e transpondo montanhas e empenhando trabalhos e suportando combates e exhaurindo forças e gastando bens, falando, escrevendo, batalhando, ora na imprensa, ora na tribuna, abriram o caminho da Rotunda, e por elle chegaram victoriosos ao termo da sua jornada épica! E, vencido o inimigo em seus arraiaes, é vêlos a cumprirem seus deveres civicos, amputando e proscrevendo orgãos de corrupção e de morte, refazendo e reconstruindo outros orgãos necessarios á vida patria!

Haja vista Affonso Costa, que agora, infelizmente, se encontra prostrado no leito da doença, com profundo sentimento de todos os liberaes portuguezes, seus concidadãos e admiradores, a quem tantas e tão assignaladas provas de trabalho e de virtude elle tem patenteado:—Affonso Costa, em cuja alma de bronze parecem fundidas, n'um turbilhão de justiça, todas as energias d'esses bravos campeadores da Republica:—Affonso Costa, cuja vontade firmissima tem a resistencia d'uma clava, e cujo talento fenomenal as scintilações de um astro de primeira grandeza:—elle, o estadista eminente, o patriota colossal, o portuguez laureado, o jurisconsulto festejadissimo, o titan, o atlante, o hercules potente da Republica, a voz torrentosa, cachoante, inflammada, tornada raio, e o raio feito assombro:—elle cuja palavra, como deputado, na opposição, semelhava um clarim de guerra, clamando e apostrofando contra todas as crapulas e torpezas conspurcantes, sendo hoje, como ministro, o braço demolidor de todas as tirannias, preconceitos e privilegios anacronicos,—braço que semeia por toda a parte vida, seiva, esperanças, e que funda uma nova consciencia juridica, mais humana, mais moderna e mais racional!!!...

São dos mortos e dos vivos estas obras de redempção patria, que desabrocham virentes flôres, flôres que desentranham fructos, fructos de primavera politica e social, tão abundantes e tão bellos, como os malmequeres e as boninas, que ora esmaltam os campos de Portugal.

Bemditos... bemditos os peoneiros do dever, que nos raios fulminantes d'uma revolução, nos trouxeram o beijo da bonança, da fraternidade e do amor. Eis uma resurreição nacional! Ha paz, harmonia e ordem, que se estendem desde as ruas das nossas aldeias até ás arterias e avenidas das nossas cidades.

Emmudeceram as bocas dos canhões. Os sons de suas temerosas gargantas d'aço, reclinadas sobre o estuario do famoso Tejo, não acordam já os ecos de Lisboa, trovejando enraivecidos.

As suas granadas já não vão espalhar o terror e a morte nos arraiaes inimigos.

As espingardas dos nossos valentes soldados estão ensarilhadas nos quarteis, e as suas balas já não percorrem sibilantes o espaço, em busca dos corpos de nossos irmãos.

As ultimas notas vibrantes dos clarins de guerra já se não ouvem, chamando os nossos soldados ao combate.

As espadas dos officiaes do exercito jazem em suas bainhas, como signal evidente de paz immutavel.

Extinguiram-se os rumores da lucta, e os rugidos sinistros da revolução já cessaram.

Passou o duelo tragico, mas redemptor dos primeiros dias d'outubro. E, n'esse momento solemne de reivindicações populares, caiu uma instituição de oito seculos, para se levantar sobre ella a democracia triumphante.

A monarchia agonisou; o throno desfez-se para sempre; e a Republica surgiu em seu logar, joven, immaculada, esbelta, radiante, para que todos os patriotas sinceros respeitem a sua victoria explendida, a explendida emancipação d'um povo, povo fadado para altissimos destinos.

A Liberdade e a Democracia venceram, pois, mais uma *étape*, e conquistaram mais um baluarte, n'esse formidavel arranco de heroismo!...

Povo, povo portuguez, exulta, porque és livre! Livre, n'este scenario da patria, em que nascestes escravo da tyrannia!

Das tuas mãos já não pendem as algemas, e do teu pescoço a gargalheira da ignominia.

Esmagaste, povo laborioso e forte, o jugo dos despotas, e quebraste o poder dos grandes.

A teus pés caiu o sceptro e desfez-se a corôa e rasgou-se o manto real do ultimo dominador Bragança.

Derrubaste todos os privilegios e ergueste um ideal de justiça nas azas da patria rediviva.

Venceste! E's livre!

O' povo! Tu estavas sedento de liberdade, e a liberdade raiou; estavas anhelante de luz, e a luz rompeu n'uma explosão de esperança.

Abrem-se novos horisontes diante de teus olhos. Despe o luto e a dôr de teu coração, porque uma nova éra, uma éra feliz amanheceu em terras de Portugal. O espirito da nossa raça fundiu-se e retemperou-se com o fogo da revolução.

Iniciou-se o periodo aureo das reformas fecundas, que hão-de revigorar o organismo do paiz. E' uma patria nova, que surge das ruinas do passado. Tu a fizeste! Tu, grande povo portuguez, que na cidade de Lisboa foste o martyr e o heroe, o canhão e a metralha, a espingarda e a espada, o sangue e a vida, o braço e a valentia, quem se arrojou ao combate e obteve a suspirada victoria. Tu, povo, que n'esse agitado e palpitante coração de Portugal, forte marinheiro dos nossos vasos de guerra, soldado dos nossos regimentos, regimento do nosso exercito, exercito das nossas conquistas democraticas, assim como és e serás o leão indomavel de todos os tempos, o batalhador rijo de todas as edades, temperado em todas as frágoas, constante e firmissimo em todos os heroismos!...

Que grande prosápia eu tonho de ser povo, como tu és, nascido n'este pedaço da peninsula iberica —em Portugal uno, independente, livre, — e sentir em minhas veias circular o mesmo sangue plebeu que tu sentes evolucionar em teu organismo, ó povo gigantesco e épico das conquistas e navegações, cujo nome honraste nas pugnas e viagens do passado! Eu sinto-me bem, quando me aproximo de ti, e me vejo em contacto comtigo, e aspiro o mesmo ar que tu aspiras em teus pulmões, e recebo a mesma luz que teus olhos recebem, e oiço o arfar de teu vigoroso peito, e escuto o rithmo possante das tuas pulsações, e apercebo os teus instinctos de raça, e sondo os teus sentimentos generoso, e distingo os teus enthusiasmos de meridional, e palpo e tateio e encontro e me cingem e me animam as tuas mesmissimas alegrias de peninsular e de portuguez, ó povo soldado e poeta, lavrador e mareante, povo sincero e admiravel entre todos os povos da terra!

Se tens defeitos, esbatem-se como illusões ou como sonhos á luz faiscante de tuas virtudes espartanas!...

Meu olhar pousa, emfim, satisfeito na tua alma—n'essa alma immensa, que tem uma forte corrente de vibração n'esta sala e no seio de todos quantos me ouvem,—porque vê que te pertencem as justas honras de cidadão. Cidadão quer dizer: homem livre e honesto, que realisa todos os deveres individuaes —homem educado no exercicio do trabalho, instruido no respeito aos seus semelhantes, votado ao culto da familia, devotado ao amor da humanidade, embebido nas immaculadas lições da historia, radicado na dedicação á patria, obediente ás instituições, submisso á ordem, sujeito á lei, acendrado na pratica das virtudes civicas, domesticas, sociaes e moraes. E tu, abençoado povo, tu és cidadão! Cidadão, porque caminhas na estrada do dever e realisas a viagem da vida! Cidadão, porque és perfeito, e ser perfeito é ser bom e potente e honrado e grande e colossal!...

Do Brazil

Uma carta do Rio de Janeiro, que ha pouco nos mostraram, assignala estarem ali bem collocados nos differentes ramos de commercio para que manifestavam aptidão os ex-asylados Manuel Augusto da Silva, Humberto Hylario da Silveira, Armindo de Oliveira, Carlos Figueiredo, Augusto Pereira da Cruz, Jayme Alberto Pimenta, Amandio de Carvalho, Antonio Baptista e Manuel Coimbra Flamengo, o que nos é grato registar por todos os motivos e ainda por mais aquelle que faz resaltar, como digna de todos os encomios, essa pia instituição que tantos desprotegidos da sorte tem agasalhado fazendo d'elles homens uteis, prestantes e trabalhadores.

NOTAS DA CARTEIRA

Esteve em Aveiro o nosso velho amigo Raul Feyo, empregado da Fazenda na Beira e que veio, com licença de seis mezes, gozal-a ao continente em companhia de sua familia.

Foi-nos immensamente agradavel a sua visita.

= *Regressou de Braga com seu filh,o a esposa do sr. dr. Joda Feyo Soares de Azevedo.*

= *Com curta demora vieram a esta cidade, os srs. Clemente Nunes de Carvalho e Silva e dr. Eduardo Moura, de Eixo, e o sr. Ponce Leão Barbosa, residente em Villa Nova de Gaya.*

= *Partiu para o Luzo com sua esposa o nosso correligionario, dr. Eduardo Silva, digno professor do lyceu.*

= *De passagem para Mira visitou-nos, na quarta-feira ultima, o sr. Manuel Marques Ferreira, pharmaceutico.*

= *Pela esposa do sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, a sr.ª D. Bertha da Rocha Martins da Cunha Azevedo, foi pedida em casamento para o nosso amigo sr. dr. Henrique da Rocha Pinto, official po registo civil em Setubal. a gentil filha do sr. dr. Pereira da Cruz, D. Maria da Soledade Pereira da Cruz.*

O enlace realizar-se-ha brevemente.

= *Chegou á sua casa da Quintã do Loureiro, Cacia, a sr.ª D. Maria Dias Alves, esposa do nosso presado correligionario, sr. Manuel Nunes Ferreira.*

Veio acompanhada por suas filhas.

Padres a gaucho

Por ter lido a pastoral collectiva dos bispos, a ter commentado e se ter insurgido contra as leis da Republica, esteve preso no commissariado de policia d'esta cidade o parocho da freguezia de Argoncillo, concelho da Villa da Feira, Urbano d'Almeida ao qual foi imposta a pena de seis mezes de residencia fóra do districto, isto independentemente do processo a que tem de responder no tribunal da comarca.

Já retirou; mas para a vaga deixada no posto policial veio outro collega, de nome Manuel Rodrigues Lirio, de Ovar, que por sua vez cantará recebendo depois o premio a que o julgarem com direito.

Communicado

As ruas de Cacia

Tivemos o prazer de vêr firmada no *Jornal de Estarreja*, de 17 de junho ultimo, a opinião do nosso illustrado amigo e correligionario, sr. V. S. Mattos, sobre os nomes e illuminação das ruas de Cacia.

Diz-nos o nosso prezado amigo não concordar que se ponha nas ditas ruas, nomes de possoas que ainda vivem nem tão pouco os nomes dos vultos mais notaveis da nossa querida Republica, pelo facto de já existirem esses nomes em algumas cidades.

Diz-nos mais que, em seu entender, as ruas de Cacia devem conservar os seus primitivos nomes ou então aplicar-lhe os de pessoas alli fallecidas que prestaram alguns beneficios á freguezia.

Emquanto aos nomes de pessoas que ainda vivem, concordo, apezar da nossa freguezia não ser a unica, se os adoptar, pois ha ruas em algumas cidades nossas que os têm.

Pois em vista de haver quem se manifeste contrario a esses nomes resolvemos submetter essa apreciação a todos os Cacienses a qual ficará resolvida pela maioria, para em seguida se mandarem fazer as placas, correndo a despeza d'ellas por conta do nosso distincto amigo, sr. José Maria Tavares.

Este prestimoso filho de Sarrazolla acaba de dar mais uma prova do seu entranhado amor á terra que lhe serviu de berço e que o torna digno dos nossos mais sinceros aplausos.

Emquanto aos nomes dos vultos mais notaveis da causa republicana deixarem de ser aplicados nas nossas ruas pelo simples facto de figurarem em ruas d'outras terras, não me parece que isso possa servir de argumento, pois julgo que a nossa freguezia é bem digna de os conservar, demonstrando d'esta maneira á sociedade portugueza, que nós, os Cacienses, tambem prestamos culto e honramos as memorias d'aquelles que se sacrificaram pela nossa Patria.

Sobre a conservação dos actuaes nomes, não achamos que haja razão para isso, a não ser que queiramos ainda conservar o tal *statu-quo*, pondo de parte o progresso.

A respeito da illuminação de Cacia e Sarrazolla, não é caso para ser abandonada essa ideia o simples facto de no futuro poderem surgir difficuldades, pois, como deve saber, casos ha que apparecem dificultosos, é certo, mas muitos d'elles são filhos do desleixo. Por esse motivo apraz-me dizer-lhe que para melhoramentos locaes todos devemos concorrer na medida de nossas forças, mas infelizmente, nós, portuguezes, temos a mania de depreciarmos as innovações ou melhoramentos, ainda mesmo que nos possam servir de utilidade.

E' uma mania contagiosa...

Que importa que d'aqui por um anno tenhamos de abrir outra subscripção para comprar o petroleo para os candieiros?

O patriotismo dos homens conhece-se pelas suas obras; portanto appellamos para a illustrada Junta de Parochia de Cacia para que nos auxilie, solicitando, em seu nome, da C[illegible] Municipal d'A[illegible] a Camara Municipal d'Aveiro a cedencia gratuita dos [illegible]ieiros precisos, visto já ha annos a mesma camara ter resolvido cedel-os para o mesmo fim, assim como tambem tomar sobre si o encargo do recebimento da nossa subscripção, satisfazendo com esta as despezas que se fizerem com os candieiros nas ruas.

Esperamos que os dignos membros da Junta de Parochia não se recusarão ao nosso appello.

Em abril ultimo enviámos uma carta ao nossso correligionario sr. Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, actual vereador da camara d'Aveiro, sobre este mesmo assumpto; porém, até hoje, ainda não tivemos o prazer de recebermos resposta sua.

Afim de auxiliar a subscripção iniciada aqui, julgamos de toda a conveniencia a organisação, em Cacia, d'uma commissão que trabalhe para o mesmo fim, visto residirem alli correligionarios nossos, dotados de sentimentos altruistas e de amor patrio, que de certo não deixarão de vir ao nosso appello.

A's commissões de Lisboa e Parnahyba, pedimos para que altivem os seus trabalhos da subscripção.

A seguir damos a lista dos subscriptores inscriptos n'este Estado:

Izaac da Silva	10$000
Manuel Rodrigues Teixeira	10$000
João Rainho, de Salreu	5$000
Francisco Pereira da Silva	10$000
João Simões da Silva	5$000
José Gomes da Silva	5$000
Antonio Augusto da Silva Neno, de Canellas	10$000
Manuel da Costa Ferro	5$000
Americo Pereira de Carvalho	5$000
José Rodrigues Netto	10$000
José Lopes da Silva	10$000
Manuel Rodrigues Netto	10$000
Antonio Lourenço	10$000
Sebastião Martins da Silva	10$000
Antonio Domingues da Cruz, de Canellas	5$000
Arthur Baptista Ramos	5$000
José Fernandes da Graça, (Ovar)	10$000
Somma réis	135$000

(Continúa)

Pará, 26 de julho de 1911.

J. J. Nunes da Silva.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 7

Foram accusados de conspirarem contra as instituições vigentes os cidadãos: J. M. Abreu e Joaquim Antonio Barbosa, ambos residentes n'este logar. O facto, que nada tem de verdadeiro, fez com que os accusados e o povo se revoltassem contra tão falsa denuncia. Como as auctoridades tomaram conta do caso será bom que se apure da verdade dos factos, para depois serem pedidas contas a quem as tiver de dar.

= Teve uma despedida affectuosa por parte dos seus amigos, o nosso bom correligionario e amigo Manuel Marques da Fonte, membro da commissão municipal de Castello de Vide. Seguiu acompanhado da sua galante nétinha, que pelo seu encanto deixou gratas recordações e saudades.

Desejamos que tivessem uma feliz viagem.

= Encontra-se já, ha dias, entre nós o nosso amigo, Antonio Pires Santos. Conta partir em breve para a capital, d'onde chegou.

= Lamentamos profundamente o desgosto porque passou o nosso amigo, Barroel, de S. João. Em breve serão descobertos os auctores da proeza e assim receberão o devido pago. Descance...

C.

Albergaria-a-Velha, 9

Ligeiresas do sr. presidente Jayme Ferreira

E' ainda á correspondecia do sr. Manara de Cuzelhas, inserta no n.º 8 do *Jornal d'Albergaria*, que me vou referir, e precisamente ao ponto em que s. ex.ª, com grande espanto meu, surprehendeu o nefando e heretico desacato, a que deu a honra d'este sapientissimo commento—*que eu insulto o nosso povo... E então é já o pobre povo que o tal cidadão encabresta, porque elle tem fé, tem religião.* Este bocadinho, tão recommendavel pela substancia e pela fórma veiu á luz do mundo, provocado por esta minha *irreverencia: já por aqui se tem feito alguns registos civis, mas para vergonha nossa, um ou outro sujeita-se ao pagamento de nova esportula, arreatando para a egreja pelo cabresto da rotina.*

Se o pensamento é tudo e a fórma pouca coisa, eu creio que qualquer pessoa, desanuviada de paixões e limpa de intenções malignas, das minhas palavras expremerá o seguinte—que o povo acode ainda á egreja a repetir o acto do registo, propellido pela força da tradição, do costume, da rotina, a que eu, no caso pendente, chamo cabresto, como posso alcunhar de *juiz*—a consciencia de cada um, de *aguilhão*—o remorso e de *patada* uma asneira de marca maior.

Todos estes ligeiros desleixos s. ex.ª poderia ter evitado, se refrescasse o seu espirito com um poucochinho de leitura sobre estylo metaphorico, ficando assim livre de escorregadellas tão inesperadas que abrem rombo, sem esperança de concerto, na sua patente ou cathegoria de homem diplomado.

Qualquer outra pessoa medianamente imbuida em accepções translatas, não cincava tão desastradamente, tomando ali o *cabresto* á lettra, como s. ex.ª fez, o que a boa epicheia não auctorisa e nem eu quero.

As palavras não trahiram, pois, o meu pensamento, e é por demais transparente a minha inte[illegible] um acto [illegible]ção de reprovar [illegible] que reputo inutil, revelador da inconsciencia com que muitos o praticam, no pleno direito de critica, de que, por considerações nenhumas, abdíco.

Precipitadamente, pois, procedeu s. ex.ª, querendo envolver-me n'uma esphera de *antipathia* e *malquerença* que, attingindo o seu maximo de tensão, me acarretaria de Roma, alguma bulla de excummunhão maior, o que, em todo o caso, é preferivel a alguma *camada* dos *ditos*, que, segundo é fama, não deixam *pregar olho* no melhor da festa e servem de entretenimento quando não ha mais nada que fazer.

O mais fino, porém, d'aquelle periodo magistral, não está no celebre *cabresto* tomado á lettra por s. ex.ª, mas na causal—*porque tem fé, tem religião.*

Que outrem, que não sua ex.ª escrevesse tão espalmada tolice, a quem eu reputava emancipado de preconceitos e falsas concepções sobre a natureza de certos actos sociaes; que alguem, preso pelos liames, que ainda não conseguiu quebrar, de erroneos ensinamentos subscreva inconscientemente tão insolito disparate, eu não lhe dispenso, sequer, o tributo da minha admiração; mas o sr. Manara de Cuzelhos que é um homem illustrado, que concorreu, á certa, com o seu obulo, como eu, para o tinteiro monumental que tem de ser offerecido ao sabio e energico Ministro da Justiça, que é presidente da Camara e imprevistamente fará de administrador e, n'esta qualidade, d'official do registo, sua ex.ª, repito, permanece assim imbuido de ideias tão retrogradas, vive n'um tal atraso intellectual para collaborar lealmente na obra da Republica, na emancipação religiosa das consciencias, que é a mais nobre empreza, a tarefa de mais fecundo alcance do governo republicano?

Então democratisa-se e civilisa-se um povo, acalentando-lhe ficções e preconceitos no espirito, onde um cidadão republicano, com as suas responsabilidades, tem a obrigação moral de fazer irradiar a luz suprema da verdade? Elimina-se o juramento religioso, é banido das escolas o ensino catholico, procura-se por todos os meios libertar, a rajadas de luz, o espirito do povo d'essa nefasta e ficticia educação jesuitica, que ha tantos seculos nos deprime e embrutece, e vem um *soldado* da Republica, de certa gradação, justificar a pratica de um acto, dando-lhe, como determinante, a fé e religião do mesmo povo?! Então o sentimento de religiosidade, tão intimo e tão puro, que v. ex.ª profana, para um espirito illustrado tem alguma cousa com os actos de registo de natureza puramente civil, e que a egreja, pela sua influencia na sociedade, indevidamente assambarcou e a tradição lhe salvaguardou atravez dos seculos?

Então um republicano da sua envergadura, que tem o dever de conhecer o programma do partido republicano e a sua orientação, como governo, que deve ter um cabedal de conhecimentos que, n'este ponto, o resguardem do sentir de qualquer lapurdio, sua ex.ª, repito, vem assim tão levianamente para o soalheiro da imprensa exhibir essas bafientas e ridiculas ideias sobre materia de registo? Se a suggestão educativa é tão forte em sua ex.ª que, infelizmente, não se póde furtar á sua influencia, haja ao menos o bom senso e a reserva de guardar essas *crenças* no fôro da sua consciencia e não venham cá para fóra, nimbadas de *poesia e frescura*, soffrer os desacatos e vaias da critica acerada.

Mas não se entristeça s. ex.ª que não é caso para tanto. Como s. ex.ª, ha muitos, e, quando abundam companheiros na desgraça, nunca a dôr é de todo inconsolavel.

D'estas incoherencias e percalços concluo eu que o confraternisar com a democracia, deixar-se infiltrar, dominar do seu espirito, alegrar-se ou entristecer-se com o seu avanço ou o seu desfallecimento, é muito differente das exterioridades que no momento do perigo desapparecem, e só servem para encobrir a falta de *convicções* que, em certa gente, surgem com a rapidez dos lumes promptos.

S.

Palhaça, 7

Victima de uma hemorragia cerebral, e depois de 4 mezes de sofrimento, falleceu ha dias o cirurgião-medico sr. Manuel Francisco Simões, d'esta freguezia.

Aos seus o cartão das nossas condolencias.

=Aqui e além diz-se, a proposito da politica interna, que a Republica foi a sorte grande da *thalassaria*. E assim é com effeito. A Republica está a collocar *thalassas* em logares que no tempo da monarchia, por mais que elles pedissem nunca o conseguiram! Por isso é que se diz que a Republica é a sorte grande dos *thalassas*. Isto observa-se por todos os cantos de Portugal.

Até agora chegou a vez ao concelho de Oliveira do Bairro, que continua a ser dominado por estrangeiros. Vem isto a proposito da nomeação de um tal senhor Romão, que nos dizem ser *thalassa* para sub-inspector escolar, coisa que por mais que pedisse aos seus, no tempo da monarchia, nunca o conseguiu. Mas a sorte grande sae quando calha e a dos *thalassas*, foi, incontestavelmente a Republica. E ainda dizem d'ella o que querem, os grandes caras do... diabo

=Parece que vae pedir a sua demissão collectiva a commissão municipal de Oliveira do Bairro. Naturalmente desgostos politicos são d'isso a causa e consta, tambem, que com a commissão municipal a pedem todas as commissões parochiaes. Se estas resoluções não nos merecem appoio tambem não nos merecem sensura, porquanto todas as commissões do concelho de Oliveira do Bairro tem razão de sobejo para abandonar os seus logares pela pouca attenção que tem para com ellas, mas principalmente a commissão municipal, que em recompensa dos seus trabalhos tem sómente recebido affrontas dos altos poderes, sobretudo do ministerio do interior! Tem, com muito custo, recebido al[illegible] favores, aliaz de todo [illegible] justos, devido á boa vontade e muita energia do digno governador civil do districto, sr. Rodrigues, que, por a achar justa, trabalhou até conseguir a venda do terreno do Passal, na Villa de Oliveira.

De resto, uma calamidade!

Saem e entram empregados a quem a commissão paga e nem sequer é consultada se fulano convém ou não ao concelho. A ordem é de fulano, estrangeiro, que pediu ao sr. fulano de quem é muito amigo e este sr. fulano que, dizem, está d'alma e coração com os *thalassas*—zás, um logar ou subida de posto para governar a vida. E quem assim não fizer é tolo.

Querem melhorar de situação? Façam-se *thalassas* e peçam ao estrangeiro sr. f..., republicano graduado, que serão attendidos.

C.

A administração de "O Democrata,, roga a todos os assignantes de fóra d'Aveiro, a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos enviando as importancias em sellos, vales do correio ou ordem de pagamento, o que agradece.

Ultima hora

Partida de infanteria 24 para a fronteira

Por determinação do ministerio da guerra prepara-se para seguir em direcção a Chaves o 1.º batalhão e a 1.ª companhia do 2.º, pertencentes ao regimento de infanteria 24, aqui aquartelado, e que será commandado pelo nosso bom amigo, sr. major Peres. Além d'este official, embarcam egualmente com as 300 praças, que tantas devem ser as que formam aquella unidade, os srs. capitães Couto, Zeferino Borges e Guimarães; tenentes Vasco, Simões, Ruella, Lopes Matheus, Brandão, Camossa e Teixeira, da administração militar; alferes Durão, Rebocho, Gaspar Ferreira e aspirante Antunes; 4 primeiros sargentos, 8 segundos, um mestre de corneteiros e 8 ditos.

A acompanhar os nossos briosos soldados irão, tambem, 2 cavallos praças, 2 carros de bagagem de companhia, um carro para munições, um carro sanitario e 12 muares que de ha tempos a esta parte já se encontravam de prevenção no quartel.

Hoje devem chegar, vindas de diversos regimentos do sul, 100 praças para completar o contingente sendo portanto de prevêr que o embarque para o norte seja ámanhã por todo o dia, em comboio especial, mas a hora ainda não determinada.

O *Democrata* sauda n'este momento o punhado de bravos soldados que em defeza da Patria e da Republica vão marchar e significar-lhes por este meio o quanto lhe será immensamente grato vêl-os regressar cobertos de gloria pelos serviços prestados e dever cumprido.

Entre o sr. governador civil, camara municipal e commissão nomeada para o mesmo fim, deve ficar hoje resolvida, ou o mais tardar ámanhã, a questão do novo aquartelamento de infanteria que, é inevitavel, se installará, provisoriamente, no edificio do Asylo passando este para o convento de Jesus.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direiro da comarca de Aveiro, cartorio do escrivão do 3.º officio e nos autos de execução requerida por Maria Marques de Jesus, de Mataduços, contra seu marido José dos Santos Netto, auzente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, correm editos de trinta dias a citar este José dos Santos Netto, para no praso de dez dias, findos que sejam os primeiros quinze depois de decorrido o praso dos editos, pagar áquella sua mulher a quantia de 58$770 réis, importancia de contas contadas no processo de divorcio por ella requerido contra elle e em cujas custas elle foi condemnado, ou nomear á penhora bens sufficientes para o seu pagamento, sob pena de ser devolvido á exequente o direito de nomeação, começando a contar-se aquelle praso depois da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo.*

Aveiro, 2 de Agosto de 1911.

O escrivão do 3.º officio,

José Roballo Lisboa Junior

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Regalão.

ANNUNCIO

1.ª publicação

Antonio Felizardo, capitão do porto, interino de Aveiro:

Faço saber que no dia 21 do corrente, pela 1 hora da tarde, n'esta cidade de Aveiro e na séde da Capitanía do porto se ha-de proceder á venda, em hasta publica, de uma ancora com 17m,5 de amarra que foi encontrada no fundo do mar na costa da Torreira.

A base de licitação é de 15$000 réis.

Capitanía do porto d'Aveiro, 10 de agosto de 1911.

O capitão do porto, interino,

A. Felizardo.

Concurso

A Camara Municipal do concelho de Vagos

Faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do logar de Escrivão da Secretaría d'esta camara com o ordenado annual de 180$000 réis, e competentes emolumentos.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaría da mesma camara, dentro do referido praso e em fórma legal, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos por lei.

Vagos, 29 de julho de 1911.

O Vice-Presidente,

Aurelio Marques Mano.

AGUAS DE VIDAGO

Vendem-se no armazem de Reis & Filho, no Largo do Rocio, d'esta cidade.

PREÇOS

Da fonte de Campilho—cada garrafa de 1[4 de litro	70
Por duzia	65
Por caixa de 110 garrafas	60
Cada garrafa de 1 litro	160
Da fonte de Sabroso—cada garrafa de 1[4 de litro	60
Por duzia	55
Por caixa de 110 garrafas	50
Cada garrafa de 8 decilitros	120
Por duzia	110

Estes preços são o custo do liquido

Para revender tem abatimento.

TONEIS AVINHADOS

Vendem-se dois em bom estado.

Para tratar com Albino Pinto de Miranda—AVEIRO.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de setembro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 10 de agosto de 1911.

João Mendes da Costa

Batata hollandeza para semente

Cada 15 kilos, 600 réis

VIRGILIO SOUTO RATOLLA

Mamodeiro

PHOTOGRAPHIA UNIVERSAL

DE

Manuel Bernardes Cruz

Rua Manuel Firmino

(em frente ao palacete da familia Barbosa de Magalhães)

Trabalhos em todos os generos pelos mais modernos e aperfeiçoados processos.

Ampliações desde 500 réis.

Retratos cloridos, o que ha de mais fino.

Retratos (réclame) desde 700 réis a duzia.

Concluem-se trabalhos aos srs. photographos amadores.

Preços modicissimos

PROFESSOR

de piano, canto, violino e violoncello

Competentemente habilitado lecciona piano, pelos cursos dos Conservatorios de Paris e Leipzig; canto pelo curso do conservatorio de Milão; violino e violoncello, pelos cursos do Conservatorio de Leipzig.

Informa-se n'esta redacção.

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

João Vieira da Cunha

Rua Direita—(Em frente á Rua de Jesus)

Completo sortimento de livros em todos os generos: Litteratura, Theatro, Historia, Viagens, Sciencias, Legislação, Ensino, etc., etc.

Todas as novidades litterarias e scientificas.

Assignatura para todas as revistas nacionaes e estrangeiras.

Papelaria e artigos de escriptorio

Execução rapida de todas as encommendas.

Padaria Macedo

AVEIRO

PRAÇA DO COMMERCIO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como artigos de mercearia que vende por preços excessivamente baratos.

Entre as differentes qualidades de pão que fabrica, conta-se o pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos.

Completo sortido de bolacha nacional.

CAFÉ, especialidade da casa.